

ESCRITA COMO PROCESSO DE RESISTÊNCIA¹

WRITING AS A RESISTANCE PROCESS

Luciana Bessa Silva²

RESUMO: O presente artigo lança um olhar sobre o romance *Quarenta Dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, em que a escrita é utilizada como ferramenta de libertação de si e construção de identidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica-descritiva baseada em teóricos como: Bourdieu (1989), Mary Del Priori (2004), Michelle Perrot (2012), Regina Zilberman e Mariza Lajolo (2011), entre outros. Sem capital simbólico, as mulheres não puderam contar sua própria história. Contudo, a partir do momento em que passam a dominar a escrita, tem início seu processo de identificação pessoal e libertação social.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Identidade. Resistência.

ABSTRACT: The present article gives a look at the novel *Quarenta Dias* (2014), by Maria Valéria Rezende, in which the writing is used as a way of self release and identities construction. It deals with a descriptive-bibliographic research based on theorists like: Bordieu (1989), Mary Del Priori (2004), Michelle Perrot (2012), Regina Zilberman e Mariza Lajolo, among others. Without symbolic capital, women could not tell their own history. However, by the moment they mastered the writing, they started their process of personal identity and social release.

KEYWORDS: Writing. Identity. Resistance.

¹ Artigo recebido em 30 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 15 de outubro de 2021.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. E-mail: bessaluciana@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3171-6020>.



Introdução

Todos nós temos uma história, mas nem sempre podemos contá-la. Destinadas ao casamento e à reprodução, as mulheres ficaram encarceradas em uma “torre de marfim” (ambiente doméstico) e, por isso, suas vozes não foram escutadas.

Os homens, com acesso à Educação, papel e pena, portanto apropriados das palavras, construíram as grandes narrativas históricas e literárias de que temos conhecimento. Nelas as mulheres, quando aparecem, são retratadas como seres frágeis, ingênuas e indolentes.

Falar das mulheres é importante para recontar a história literária feminina com base no que de fato aconteceu e não como foi registrado. Luiza Lobo (2006) pondera que a partir do instante em que a mulher puder narrar a si e narrar o outro haverá uma mudança no cânone literário. Essa modificação será ainda mais contundente quando tais mulheres escolherem escrever não sobre reclusão e silêncio a que foram submetidas, mas sobre qualquer assunto que lhes satisfaça. Para isso, precisam dominar o código linguístico.

Pela palavra os escritores chamam o leitor a refletir sobre determinadas questões, já que ela tem o poder de se fazer ver, de se fazer ouvir com seus dizeres implícitos e explícitos. É um bem simbólico que aproxima / afasta aqueles que a proferem. Ela é o símbolo da comunicação entre os homens, não está subordinada a determinadas instituições ou convenções sociais e sua dimensão vai além de descrever ou nomear um objeto.

Carregada de poder simbólico (BOURDIEU, 1989), já que o homem é um animal simbólico, tanto pode libertar como oprimir. Ler e escrever, habilidades através das quais o sujeito apreende conhecimentos, estão intimamente ligadas à linguagem. Ela nos proporciona um universo de conhecimentos que não se desprende de seu caráter eminentemente social. Para isso é necessário conhecimento.

Em *A formação da leitura no Brasil* (2011), Marisa Lajolo e Regina Zilberman lembram-nos de como era precária a educação das mulheres ao longo dos séculos. A família, na tentativa de “protegê-las” de sofrerem um “mal” não permitiam que fossem alfabetizadas e as poucas que conseguiam aprender a ler e a escrever possuíam acesso limitado aos livros.



Durante décadas foi negado à mulher o capital simbólico necessário para que ela pudesse se desenvolver. Sem notoriedade, as mulheres eram consideradas sujeitos inferiores.

Destarte, a Literatura tem como base a participação de homens letrados, os bacharéis de áreas variadas, sobretudo Direito e Medicina. Lenta e tardiamente, elas foram conseguindo espaços em revistas e jornais de circulação limitada e com discussões sobre assuntos domésticos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011). Quando isso aconteceu, as mulheres ganharam voz e puderam, paulatinamente, falar de si, libertar-se da pecha de seres indolentes e frágeis, libertando-se socialmente do jugo de uma sociedade opressora.

O presente artigo lança um olhar sobre o romance *Quarenta Dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, em que a escrita é utilizada como ferramenta de libertação de si e de construção de identidade. Recorremos a teóricos como Pierre Bourdieu (1989), Lajolo e Zilberman (2011), Michelle Perrot (1992), Mary Del Priore (2004), entre outros.

A História da mulher dentro ou fora do universo literário foi marcada pela exclusão e pelo silenciamento. Considerada um ser “frágil”, seu destino era o ambiente doméstico, por isso não precisava frequentar escolas. A ideologia dominante ao longo dos séculos foi a masculina, por isso coube-lhe a função de demiurgo das narrativas literárias. Quando a mulher teve acesso à pena e ao papel, não só descobriu o prazer de escrever, mas o poder que a linguagem lhe conferia: podia narrar-se, libertar-se e construir sua própria identidade.

Conhecendo autora-obra

Geograficamente, paulista nascida na cidade de Santos, em 8 de dezembro de 1942; paraibana de coração e por merecimento a partir de 1976 (ganou o título de cidadã paraibana), Maria Valéria Rezende começou a escrever cedo – textos sobre educação popular, questões sociais, economia e História do Brasil – mas publicou seu primeiro livro com quase sessenta anos: *Vasto Mundo* (2001).

Leitora do poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), dele escolheu o verso que daria título à sua estreia literária: “Mundo mundo vasto mundo / mas vasto é o meu coração” (“Poema de Sete Faces”). Formada em Pedagogia, Língua e



Literatura francesa, mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba em 1999, foi-lhe concedida a opção de casar-se ou tornar-se freira: escolheu a segunda (foi ordenada freira pela Congregação de Nossa Senhora, Cônegas de Santo Agostinho, em 1965); trabalhou com educação popular na década de 1960, atuou em diferentes regiões do Brasil e já deu a volta ao mundo pelo menos três vezes, palavras da própria autora em entrevistas. A vastidão das experiências, alocadas do lado esquerdo do peito, contaminou sua literatura: são dez obras no campo infantojuvenil, cinco romances e três (obras) de contos.

Atualmente, dedica-se ao trabalho de tradução de autores, como Joseph Rudyard Kipling (1865-1936), Edmondo de Amicis (1846-1908), François-Marie Aroet, Voltaire, (1694-1778) e Dominique Torrès (1920-2012). Além disso é uma das criadoras do Movimento Mulherio das Letras, coletivo que reúne mais de sete mil mulheres no Brasil e no exterior com o objetivo de refletir e questionar a participação de mulheres no cenário literário.

Desde 2004 participa do Clube do Conto da Paraíba. Em 2005, publicou *O Voo da Guará Vermelha*, que conta a história de obscuridade das personagens Irene e Rosálio e, na opinião da autora, deveria ter sido premiado. Não foi. O prêmio, ou melhor, os prêmios foram reservados para o livro *Quarenta Dias*, publicado em 2014, e agraciado com dois jabutis no ano seguinte nas categorias de melhor romance e melhor livro de ficção.

Assim como Jesus recolheu-se em jejum por quarenta dias no deserto, Alice, professora paraibana aposentada, passou quarenta dias pelas ruas de Porto Alegre procurando um tal de Cícero Araújo. Na verdade, o filho da manicure Socorro foi o álibi perfeito para Alice encontrar a si mesma, depois que sua filha Aldenora (Norinha) obrigou-a, valendo-se de chantagem emocional, a se mudar de sua terra natal, seu porto seguro (Paraíba) para o frio do Sul (Porto Alegre) para assumir o cargo de “avó profissional”.

Quarenta Dias (2014) apresenta uma linguagem acessível, envolvente e instigante. É uma pintura sobre as relações familiares, uma reflexão sobre a invisibilização do idoso, o papel da escrita, além de nos apresentar um Brasil dividido pelo progresso (Sul) e pelo atraso (Nordeste), mas que se olharmos com os “olhos do coração” descobriremos um vasto mundo camuflado de “brasileirinhos” que precisam uns dos outros.



Dois anos depois, publica *Outros Cantos* agraciado com o Prêmio Casa de las Américas, no ano de 2017, além de receber o Prêmio Jabuti (3º lugar), na categoria de melhor romance.

Sua obra mais recente é *Carta à Rainha Louca*, publicado em 2019. A protagonista Isabel dos Santos Virgens, presa no convento Recolhimento da Conceição, em Olinda, escreve uma carta durante quatro anos, entre 1789 e 1792, à rainha Maria, conhecida como a Rainha Louca. Em seu texto, Isabel, também considerada louca, relata em detalhes as agruras sofridas pelas mulheres no reino de vossa majestade.

Influenciada por suas andanças pelo mundo e pelo contato com o povo, em especial os humildes, a literatura de Maria Valéria Rezende privilegia a natureza humana e o próprio processo de escrita.

O poder da linguagem

Somos animais racionais, simbólicos e detentores de linguagem. Para além de uma dimensão comunicativa, trata-se de uma prática social pela qual os sujeitos se constituem por meio de interações sociais. Por conseguinte, é uma atividade humana, histórica e social.

A literatura é linguagem e a linguagem faz parte de uma estrutura de poder. Roland Barthes (1915-1980) declarava que discurso é poder, mesmo quando ele está fora desse lugar. Ele defende que o poder é um objeto político e um objeto ideológico. O objeto inscrito no poder é a linguagem ou, mais precisamente, sua expressão obrigatória: a língua. “A linguagem é uma legislação, a língua é seu código” (BARTHES, 1997, p. 11). Literatura é linguagem e se linguagem é poder, conseqüentemente, literatura é poder. Ela não reproduz o que foi dito ou o que está posto; é criação, é subversão, é transgressão.

A linguagem verbal, na obra *Quarenta Dias* (2014), é o modo encontrado por Alice, que ao mesmo tempo é personagem, narradora e escritora, para passar sua vida a limpo, expor memórias, revelar sua(s) identidade(s) e subjetividade(s). Em forma de diário e dialogando com uma interlocutora incapaz de julgá-la, a boneca Barbie, ela afirma: “Ninguém vai ler o que escrevo, mas escrevo. [...] quero mesmo é o manuscrito, deixar escorrer tudo



direto do corpo pra caneta e pro papel” (REZENDE, 2014, p. 18). À medida que escreve, Alice vai se despindo de suas dores e amarguras e, dessa forma, vai sobrevivendo em meio às enxurradas de acontecimentos que a vida lhe impõe.

Valendo-se da palavra, o escritor expõe as contradições e os desenganos a que todos nós estamos submetidos. Sendo a contemporaneidade um período de crise identitária, é na/e pela linguagem produzida pelo escritor, que ele se liberta de certas amarras que a sociedade lhe impõe e, dessa forma, constrói sua identidade literária.

Por meio do ato de pensar é que o ser tem acesso à linguagem. “A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem” (HEIDEGGER, 2005, p. 8). Sendo assim, ela faz parte da dimensão constitutiva do ser, é o homem, pois, o único animal que a possui. Tudo aquilo que existe, só existe porque pode ser dito. São os intelectuais e os poetas que nos dizem e nos clamam a também dizer, eles são os responsáveis por manter e preservar esta habitação. Isso porque “a linguagem cai sob a ditadura da opinião pública. Esta decide o que é compreensível e o que deve ser desprezado como incompreensível” (HEIDEGGER, 2005, p. 14). Depois que os meios de comunicação a legitimam, dificilmente conseguimos desconstruí-la.

É preocupante, pois, o esvaziamento e a corrosão da linguagem em si. A consequência desse fato é drástica: “[...] uma ameaça à essência do homem” (HEIDEGGER, 2005, p. 15). Sem ela, perderíamos nossa condição humana, já que se trata de uma instância de mediação entre o homem e o mundo. Sem a linguagem verbal, Alice teria enlouquecido diante das mudanças impostas de forma abrupta em sua vida. Os sentimentos vivenciados foram desde saudade, lamento, revolta, espanto e arrependimento. Através da linguagem (verbal), a personagem canalizou seus sentimentos seja para “entender ou desistir de entender” (REZENDE, 2014, p. 45), seja para “pôr ordem em mim” (REZENDE, 2014, p. 46) ou mesmo para sair da “beirada do buraco em que cai” (REZENDE, 2014, p. 75). O uso da escrita foi o modo de Alice reinterpretar o mundo à sua volta, foi sua válvula de escape.

A linguagem tanto é um instrumento de expressão ideológica do homem, como assume um valor figurativo e simbólico se lembrarmos que no princípio era a Palavra e a Palavra estava em



Deus (Cf. Bíblia Sagrada, Jo, 1,1-18). Falar da linguagem é diferente de experienciá-la. Exige do escritor um trabalho difícil, já que é um código limitante e carece de ser aprimorada e esclarecida para compreensão do leitor.

Ao longo dos séculos foi negado à mulher o acesso a esse código. Dominá-lo tem a ver com o “modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos” (HEIDEGGER, 2002, p. 21). Não foi permitido que a mulher pudesse se colocar enquanto sujeito ativo e participante de decisões políticas, educacionais e econômicas. Sem formação e informação, era difícil a produção literária de autoria feminina.

A escrita que liberta

Alice, personagem-narradora-escritora da obra *Quarenta Dias* (2014), é uma mulher paraibana de meia idade, professora de língua francesa aposentada, “viúva” de Aldenor (desapareceu no período da Ditadura) e mãe de Norinha.

A filha casa-se com Umberto e muda-se para Porto Alegre. Desejosa de engravidar, comunica à mãe que esta também se mudará com ela para assumir o papel de “avó profissional”. Alice nega-se veementemente. Valendo-se de chantagem emocional, Norinha consegue seu intento.

Alice, tal qual sua xará, personagem da obra *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll (1832-1898), processo intertextual arquitetado pela autora, sente-se desenraizada, perdida em labirintos de uma cidade, Porto Alegre, bonita “por fora” e feia “por dentro” formada por becos e vielas escondidos dos turistas. O Brasil é visto como o país das desigualdades em que ocorrem “[...] cenas ou episódios tipo país das maravilhas cruéis [...]” (REZENDE, 2014, p. 158). Na tentativa de não se perder no turbilhão de sentimentos, Alice lembra-se que conseguiu, a muito custo, guardar entre seus pertences que foram vendidos por sua filha, um caderno da capa rosa com a figura da boneca Barbie, com trezentas páginas amarelas, e começa a escrever.

Brinquedo infantil criado em 9 de março de 1959 pela empresária Ruth Handler, a Barbie é o modelo de beleza (inalcançável) e alienação. Seu mundo “cor de rosa” contrasta com o de Alice permeado de tons cinzas. *Quarenta Dias* (2014) é uma obra



marcada por “buracos, frestas, rachaduras na superfície da cidade”: “[...]. Voltei, assim, à superfície ainda por explorar. Suas rachaduras já as conheço todas e não esqueço” (REZENDE, 2014, p. 245). Neste sentido, permite-nos refletir sobre os nossos deslocamentos e a reconstrução das identidades à medida que se movem por diferentes espaços.

A escrita é para Alice seu processo de resistência e libertação, bem como de descoberta de si. A experiência com a linguagem em *Quarenta Dias* (2014) parte de uma mulher de meia idade que se viu oprimida por sua própria filha e para resistir a essa opressão, escreve.

Por que escrever? Há ocasiões em que a fala não resolve. Escrever é uma forma de se colocar no e para o mundo. Escrever é um ato político de questionamentos, transformação social e descobertas de si. São inúmeros os motivos que nos levam a escrever e um deles é para resistir a esse “mundo caduco”, parafraseando o poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Outro motivo é expurgar o que não cabe dentro de si:

Contar a mim mesma, tim-tim por tim-tim, o que me anda acontecendo, desabafar com a boneca loira e o papel pautado, moucos e calados, incapazes de assustar-se, nem dizer que estou doida, nem me mandar fazer psicoterapia ou sugerir um curso de dança de salão para fazer amigos, uma oficina literária para me ocupar... (REZENDE, 2014, p. 14).

Interessante notar que a personagem Alice não somente precisa “vomitar”, verbo usado por ela no decorrer da narrativa, os acontecimentos que estão lhe fazendo mal, como também não quer correr o risco de ser julgada ao expressar seus sentimentos e ter que escutar de seu interlocutor que ela precisa fazer uma atividade como “psicoterapia”, “dança” ou “oficina literária”. A literatura é sinônimo de libertação individual e coletiva, haja vista desde sua criação preocupou-se em se opor contra qualquer forma de subjugação.

Uma das grandes dificuldades das sociedades modernas é saber escutar o outro, pois fomos educados para falar, não para ouvir, como afirma Carl Rogers em seu livro *Um jeito de ser* (1983) dividido em quatro partes e abordando temas como a experiência



em comunicação entre as pessoas. Segundo o psicólogo, ouvir o outro não deveria ser uma dificuldade. Uma comunicação afetiva e efetiva somente se realiza, quando somos capazes de encontrar significado no discurso do outro. Ouvir primeiro e falar depois estabelece relações mais consistentes e cria conexões de pertencimento.

Alice é uma mulher de meia idade que cedo perdeu o marido, e no momento em que a filha entrou no mundo acadêmico, entre ambas se estabeleceu o silêncio: “Mas o que será que aconteceu a partir da entrada na universidade, ou depois, não sei bem?... Por que foi esmorecendo aquele estado de boa convivência e carinho que me deixava feliz?” (REZENDE, 2014, p. 30-31). Os afazeres acadêmicos de Norinha faziam com que ela saísse cedo e retornasse tarde para casa, o que dificultou a comunicação entre mãe e filha.

Dominada por um sentimento de dor, solidão e vergonha, Alice escreve: “Foi bom botar pra fora essa coisa toda, dizer claramente pra mim mesma o que tinha vergonha de dizer a qualquer pessoa, vergonha de dizer o que minha filha fez comigo?...” (REZENDE, 2014, p. 42). Escrever é para Alice um modo de compreender seu papel enquanto mãe.

A escrita pressupõe um arsenal de palavras. Jorge Larrosa Bondía em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” dentre outras reflexões pondera sobre as palavras. “Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco” (2002, p. 21). Em *Quarenta Dias* (2014), observam-se dois tipos de palavras que transformaram a vida da narradora-personagem-escritora: aquelas verbalizadas por Norinha e as que, na impossibilidade de verbalizar, foram escritas por Alice.

Quando a filha comunica à sua mãe que precisa que ela se mude para Porto Alegre reduzindo-a a condição de avó, e Alice não aceita, é por meio das cicatrizes e das chantagens que Norinha desestabiliza a própria mãe. Primeiro lhe diz que por sua culpa “tinha crescido praticamente sozinha”, que só pensava em trabalhar “para esquecer” (REZENDE, 2014, p. 27) a tragédia de sua vida, que não teve coragem de lhe dar um novo pai e irmãos. Não bastasse, diz para Alice que sentia uma imensa dor vendo Umberto eufórico

assando churrasco com sua enorme família gaúcha, o bando de irmãos que ele tinha, os sobrinhos, os pais,



um casal feliz e realizado, recebendo a todos de braços abertos, inclusive a ela, mas não era a mesma coisa, não eram do mesmo sangue, ela se sentia sempre uma estranha, e agora eu ainda queria que ela enfrentasse sozinha o desafio de ter filhos?... Disse que se eu não tivesse generosidade pra ajudá-la agora era melhor nem ter tido filha... (REZENDE, 2014, p. 27).

Tais palavras proferidas em tom “acusatório e amargo” deixaram Alice assombrada por compreender que depois de anos trabalhando para sustentar a filha, essa era a imagem que Norinha tinha da própria mãe. Alice não se reconhece naquela mulher pintada “com traços e cores tão duros” (REZENDE, 2014, p. 28), não aceita a culpa derramada sobre ela, mas também não revida e “nem sequer me defendi nem me desculpei” (REZENDE, 2014, p. 28). Alice, “Minha boca calava” (REZENDE, 2014, p. 28), decepcionada e triste com aquela descoberta, permanece levando a vida e deixando que Norinha tenha o controle da televisão dela, mas não entregou “sua vontade” e “sua paciência” (REZENDE, 2014, p. 28). O arsenal de palavras da filha encontra, a priori, o silêncio da mãe.

Neste breve silêncio, perda dentro de si, Alice rememora todo o seu “percurso até aquele quarto sem nenhum caráter, mal reconhecendo minha própria figura, fora de lugar, por um incontornável espelho bem em frente à cama” (REZENDE, 2014, p. 42). As identidades outrora estabilizadas acabam por desestabilizar-se, tornando o indivíduo moderno descentralizado e fragmentado. Estamos na era da “crise de identidade”, segundo Stuart Hall (2006). O estudioso acrescenta que uma identidade plenamente unificada é uma fantasia, pois o sujeito assume várias e diferentes identidades conforme suas necessidades. A mulher, por exemplo, é mãe, companheira, amante, filha etc.

Há momentos na narrativa que Alice troca de lugar com Norinha: “Que remédio senão obedecer? Eu já estava pegando o jeito de me comportar como filha da minha filha” (REZENDE, 2014, p. 73). A grande questão é entender como Alice, uma mulher forte, ponderada, deixou-se ser arrastada para Porto Alegre? As palavras ora nos chegam para fustigar, ora para nos fortificar. A pedido de Socorro, manicure e sua conhecida em João Pessoa, Alice começou a procurar pelo filho dela, que não dava notícias havia dois anos. Durante quarenta dias, Alice procurou por Cícero



Araújo – “pobre dele, sem saber ia passando de objetivo a mero álibi, perdendo-se e reinventando-se a cada etapa do meu jogo de esconde-esconde...” (REZENDE, 2014, 138). Cícero Araújo, que nunca existiu, permitiu à Alice encontrar a si própria.

O sujeito moderno não tem uma, mas várias identidades, algumas contraditórias e não-resolvida. Ou seja, esse sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam... (HALL, 2006, p. 13). O sujeito assume, então, diferentes identidades em diferentes momentos, identidades estas que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.

Na tentativa de entender e não esquecer esses fatos marcantes é que Alice resolve também fazer uso das palavras, só que agora, escritas. “Toca a escrever, Barbie, que esta é hora que mais periga de entristecer” (REZENDE, 2014, p. 135). À medida que escreve, Alice faz uma retrospectiva de como foi sua jornada. Dar-se conta da solidão por não ter um companheiro ao seu lado para dividir as alegrias e as tristezas de um casamento; relembra o medo de criar uma filha sozinha; a impossibilidade de ficar mais de três meses na França para aprimorar seus conhecimentos, porque tinha uma filha pequena. Quando escreve, Alice se mostra, se expõe.

Na condição de escritora de sua própria história e não a que a filha escreveu, pelo menos em sua imaginação, Alice cria um fio condutor entre seu passado e seu presente. A escrita é para Alice é um medicamento: “Não foi para isso que você começou a escrever?, pois então continue, a dose do remédio ainda não foi suficiente, pare, falta mais um tiquinho, ou melhor, um bocadinho” (REZENDE, 2014, p. 135). Ou seja, escrever é um exercício estético do cuidar e conhecer de si mesmo, é um ato de resistência.

Considerações finais

Ao longo dos séculos a educação da mulher foi precária. A ela foi destinado o espaço privado, os cuidados com o marido, os filhos e os afazeres domésticos. Ao homem, coube o espaço público, o sustento do lar, a leitura e a escrita. Ao masculino, o papel de



criador e de protagonista dos grandes acontecimentos políticos e sociais. Ao feminino, o papel de personagem secundária.

Leitura e escrita são ferramentas de poder. Ler nos liberta da escuridão; escrever nos forja sujeitos de experiência, sobretudo na modernidade, lugar de muitas informações e poucos questionamentos, em que se sabe muito de tudo, mas que não se aprofunda em nada. Escrever é um ato político, é uma forma de se colocar no mundo, de reafirmar posições, contestar valores postos, construir identidades.

Alice, narradora-personagem-escritora, da obra *Quarenta Dias* (2014), ao se ver chantageada por sua filha, que tem o objetivo de transformá-la em “avó profissional”, descobre na escrita um modo de compreender fatos vividos e, dessa forma, posicionar-se, sem ressentimentos, diante não só de Norinha, mas de si mesma.

A boneca Barbie, capa do caderno rosa com as páginas amareladas, que não fala, não envelhece, não fica feia e não desobedece, é a confidente de Alice nessa caminhada de dores e de descobertas.

Em *Quarenta Dias* (2014), a escrita assume várias funções, desde desabafar, curar ressentimentos, lembrar-esquecer de fatos passados e vividos, cuidar de si. Pela escrita, Alice se viu imersa em sentimentos e sensações múltiplos. Descobriu-se que está em constante transformação.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil: 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Trad. João Wanderley Geraldi. Jan/Fev/Mar/Abr nº 19. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

BOURDIE, P. Sobre o poder simbólico. *In: O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand, 1989, p. 7-16.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2003.



- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2011.
- PERROT, M. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
- PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu – fazendo história das mulheres**, n. 4, p .9-28, 1995.
- PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi (Coord. de textos). 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- REZENDE, M. V. **Quarenta Dias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- ROGERS, C. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.
- TOMÉ, D. C; QUADROS, R. S. **A educação feminina durante o Brasil colonial** . In: Anais da Semana da pedagogia da UEM, 1, 2012, Maringá.

